

A difícil arte de escrever

The difficult art of writing

Maria Luíza Ritzel Remédios

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: Reynaldo Moura, cujo ponto de partida de sua poesia foi a dissonância com o mundo que o cercava, e o desejo de ascensão à vida (espiritual e física) e à felicidade, apresenta uma obra poética que associa o simbolismo ao modernismo, valorizando a musicalidade das palavras, a evocação e o subjetivismo, o movimento da sociedade urbana. Seu percurso na ficção não foi muito diferente daquele da poesia, a constante busca de seu eu marca o intimismo de sua prosa jornalística, romancística e ensaística.

Palavras-chave: Reynaldo Moura; Poesia; Prosa; Rio Grande do Sul

Abstract: Reynaldo Moura, whose starting point of his poetry was the dissonance with the world around him, and the desire to rise to life (physical and spiritual) and happiness, presents a poetic symbolism that is associated with modernism, emphasizing the musicality of words, the evocation and subjectivism, the movement of urban society. His journey in fiction was not very different from that of poetry, the constant search for his self is the main characteristic his prose.

Keywords: Reynaldo Moura; Poetry; Prose; Rio Grande do Sul

Um outro sentido das coisas vem à tona e nós o traduzimos em velhas e pobres palavras.

(MOURA, Reynaldo. *Mar do tempo*)

Falar sobre Reynaldo Moura é discutir a presença de um dos mais importantes escritores de nosso Estado. Contemporâneo e amigo de Erico Verissimo, foi responsável, junto com esse e Dyonélio Machado, pela introdução da literatura urbana no Rio Grande do Sul. Sua escrita é voltada para o processo de elaboração do texto artístico, que problematiza, no momento de sua realização e de sua compreensão, as relações entre linguagem e realidade.

Reynaldo Moura foi jornalista, ensaísta, romancista e poeta, além de homem público importante devido à sua atuação frente à Biblioteca Pública e na direção do jornal *A Federação*. Seus amigos e colegas de trabalho confirmam a dedicação às atividades desenvolvidas, a honestidade de seus atos, o respeito para com aqueles com quem dividia suas tarefas. Todas essas qualidades apontam-no como um homem de personalidade marcante, preocupado com as coisas de sua cidade, de seu Estado e de seu País.

Apesar de não ser filiado a qualquer partido político, Reynaldo Moura comungava as ideias socialistas. Por esse motivo, esteve duas vezes na prisão. A última vez, em 1964,

acusado de ser comunista por manter correspondência com Astrogildo Pereira, fundador do PCB, esteve, durante dois dias, preso no DEOPS. Seus amigos Erico Verissimo, Maurício Rosenblatt e Alberto André empenharam-se e gestionaram para que fosse libertado. Em consequência a essa prisão, adoeceu e sofreu um infarto de miocárdio, motivo de sua morte em 12 de junho de 1965, Deixou inédita a novela *O Crime no Apartamento*, publicada EDIPUCRS e pela Editora Movimento.

Como escritor integrava o grupo da década de trinta, voltados para o realismo social. Produziu uma poesia marcada pela temática individualista, uma poesiade apreensão sensorial de um mundo decadente em que o sujeito humano procura desvelar a realidade mais real que se encontra por trás da realidade aparente. Acompanha, assim, o grupo de poetas modernistas (neo-simbolistas?) com Mário Quintana, Augusto Meyer, Theodomiro Tostes e outros, cuja obra de arte literária caracterizava-se pela sugestão, e a realidade traduzida confundia-se com os sonhos que integram o mundo ideal.

Modernista, mas seguidor da poética simbolista, Reynaldo Moura dá continuidade à perspectiva existencial, deixando de lado todos os valores integrantes da visão burguesa. Rejeitando integralmente a rotina e defendendo a natureza do artista, assumiu todos os riscos que o fazer poético traz consigo e reafirmou sua identidade pessoal numa sociedade massificadora e consumista.

De sua poesia, destacamos dois livros *Outono*, publicado em 1936, e *Mar do Tempo*, publicado em 1944. O primeiro é construído em duas partes *Momentos e Poemas de Ontem*, em que ao cariz romântico e à permanência do simbolismo, somam-se casos de concretização narrativa, temporal e espacial. Essas mesmas características estão presentes no segundo livro, composto por vinte e seis poemas. Nesses dois livros, o poeta apresenta sua preocupação com o fazer poético, pois em *Gênese da Poesia* (p. 9) ele retoma o proposto no prefácio de *Outono*, quando diz:

Um outro sentido das coisas vêm a tona e nós o traduzimos em velhas e pobres palavras.

Um outro sentido vem, vem nas ondas rolando pelo silêncio do nosso mar interior...

Um outro sentido vem nas ondas que se desmancham sobre as misteriosas praias...

revelando que a poesia é sugestão, é subjetividade, é mistério.

Tanto nos poemas em que procura estabelecer uma nova lógica diante do mundo real, decadente, através da captação de sensações fugazes e fugidias, como naqueles em que reflete certo valor realista, observa-se que o poeta pretende projetar o tema centralizador de sua obra: a relação entre a vida e a morte. Recorre para isso à dicotomia luz/sombra, destacando-se o fascínio pela luz e infindáveis reflexos luminosos que se contrapõem à sombra. Por isso, deve o poeta escrever *dentro da noite, até que o mundo, lá fora ganhe entretons de leite e mel*. Para Reynaldo Moura é da relação entre claridade e sombra que se projeta o ato criador, pois, se o poeta escreve à noite

Nas horas claras,
Horas profundas, horas lentas da tua vida,
Escreve com o coração sentindo o mundo
Em torno da tua imensa vibração.
Cria teu universo diferente
Das formas e das luzes que circulam
No múltiplo esplendor universal:
Cria as sombras que hão de tornar alegre ou triste
A estrada em flor de tua ficção.

Reynaldo Moura, cujo ponto de partida de sua poesia foi a dissonância com o mundo que o cercava, e o desejo

de ascensão à vida (espiritual e física) e à felicidade, apresenta uma obra poética que associa o simbolismo ao modernismo, valorizando a musicalidade das palavras, a evocação e o subjetivismo, o movimento da sociedade urbana.

Seu percurso na ficção não foi muito diferente daquele da poesia, a constante busca de seu eu marca o intimismo de sua prosa jornalística, romancística e ensaística. Enquanto jornalista sem formação acadêmica, Reynaldo Moura escrevia por vocação. Inicia sua vida de escritor, justamente quando a crônica se configura como gênero ligeiro. Deixou sua participação em diversos periódicos porto-alegrenses:

- *A Federação*, jornal oficial do Estado – foi redator;
- *Correio do Povo*, escreveu para diferentes seções como *Editoriais e Colaborações* e a coluna *Meio de Semana*;
- *Diário de Notícias*, como colaborador eventual;
- *Última Horta*, idem. Neste jornal publicou em forma de folhetim sua novela *Major Cantalício* entre maio a dezembro de 1963.

Suas crônicas discutiam os mais variados assuntos desde fatos de ordem literária:

Há livros que nos transportam para além de todos os outros livros e marcam um novo degrau imprevisto nessa eterna escalada de nossa inteligência ou de nossa sensação (*CP*, 24 jun. 1934).

ou de ordem política:

O estado brasileiro da atualidade não é fascista. A economia nacional não se encanta pela ditadura das conveniências oficiais (*CP*, 1º abr. 1938).

ou de ordem existencial:

Qualquer homem, com algum esforço, pode ter o sentimento da morte, da eternidade, e do infinito. Sem dúvida sempre será um sentimento incompleto (...) Com a morte, a eternidade e o infinito, acontece a mesma coisa. O sentimento dessas três verdades é grande demais para o espírito de um homem (*CP*, 02 jan. 1934).

Reynaldo Moura, nas suas crônicas, mesmo sem se afastar totalmente das imagens caracterizadoras de sua poesia e de sua ficção intimista, cuida da linguagem, procurando torná-la mais leve e natural. A construção das crônicas revela a maestria do cronista ao usar de vários estilos: o diálogo, a persuasão, o questionamento, o efeito poético, tudo para atingir o leitor e para traçar o perfil do mundo e dos homens. O intimismo peculiar de seus

romances invade, muitas vezes, o espaço da crônica, onde a efemeridade reina. Por meio desses recursos e de muitos outros, ele desnuda emoções escondidas atrás de situações simples, do cotidiano, e provoca no leitor a introspecção, o fazer pensar em situações humanas, culturais, na própria condição do homem em sua existência, como ser social e seu papel como ser transcendente.

Por tudo isso, a crônica não pode ser ignorada na sua trajetória, porque, reafirmando toda a sua atividade literária, mostra a sua força como escritor e sugere a sua capacidade de, através da organização de um sistema expressivo, traçar o perfil do homem e do mundo.

Ao lado do cronista e mesclado com ele encontra-se o romancista que acompanha a moderna ficção brasileira, respondendo afirmativamente às novas soluções, a prosa sul-rio-grandense que, segundo Regina Zilberman (1980:68), *poderia estar datada de 1934, ano da publicação do primeiro romance de Cyro Martins ou de 1935, quando são editadas as decisivas novelas de Erico Verissimo e Dyonélio Machado*, liderada por essa tríade de renomados escritores, apresenta duas vertentes: a primeira voltada ao problema social do homem do campo, em que sobressaem as narrativas de Cyro Martins, Aureliano de Figueiredo Pinto, Ivo Pedro de Martins, que se tornam vozes representativas da produção regionalista e mostram a desigualdade social que impera na vida campestre. A segunda, questionando o cenário social da cidade e o lugar do homem na coletividade, introduz a cidade de Porto Alegre na ficção e denuncia a estrutura desigual da sociedade. Nessa vertente, encontram-se os romances de Erico Verissimo, Dyonélio Machado e Reynaldo Moura.

Reynaldo Moura desenvolveu uma ficção introspectiva em que as personagens desesperadas ou revoltadas debatem-se no mundo urbano, às vezes ilógico e trágico. Suas narrativas são, pois, marcadas pela introspecção; a trama de suas novelas (*A ronda dos anjos sensuais*, 1935, *Noite de chuva em setembro*, 1939; *Intervalo passionai*, 1944; *Um rosto noturno*, 1946; *O poder da carne*, 1954; *Romance no Rio Grande*, 1958; *A estranha visita*, 1962) é sustentada a partir de componentes psíquicos das personagens centrais, sendo que os eventos externos percebidos deixam de ter um sentido social, confundindo-se com problemas do inconsciente, resultantes de traumas e de relações não concretizadas.

Apesar de suas novelas apresentarem uma trama de aparência simples e linear, é com extraordinária argúcia e vibratibilidade que Reynaldo Moura desce às sondagens psicológicas, pretendendo atingir o homem interior. As personagens, em meio aos meandros da memória, deixam emergir as esperanças, decepções, ideais, lutas vitórias, frustrações enquanto percorrem um caminho na busca

de valores que legitimem e justifiquem a existência do homem no mundo.

A densidade da literatura de Reynaldo Moura, cujo processo narrativo é a introspecção; a importância desse romancista que reflexiona, indaga, e cujo objetivo maior parece ser o conhecer, motivou a investigação de toda sua produção literária ou não. Em consequência, iniciou-se a organização do seu acervo literário (Acervo Literário de Reynaldo Moura – ALREM), procurando preservar para a posteridade não só a sua obra literária, como também tudo o que se escreveu sobre ele.

A publicação da novela, *Major Cantalício*, culmina extenso e intenso trabalho de pesquisa que se desenvolve desde 1985 sobre a obra de Reynaldo Moura: num primeiro momento, como pesquisador do CNPq e investigador do Centro de Artes e Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, produziu-se o primeiro ensaio biográfico do romancista, publicado na Coleção Letras Rio-Grandenses, editada pelo Instituto Estadual do Livro, em 1989; depois, no projeto integrado do CNPq, *Fontes da Literatura Brasileira*, coordenado por Regina Zilberman, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Nesse segundo momento, a pesquisa centrou-se, principalmente, na coleta, organização e catalogação de documentos literários ou não que fizessem referência à vida e à produção de Reynaldo Moura. Na ocasião em que se começou a organização do Acervo Literário de Reynaldo Moura com os itens cedidos pelos familiares do Autor, constatou-se a existência de originais inéditos. Um deles, *O Crime do apartamento*, já foi publicado pela Editora Movimento, depois de editado, revisado e atualizado pelo grupo de pesquisa do Acervo; o outro, *Major Cantalício*, que anteriormente havia sido publicado como folhetim no jornal porto-alegrense *Última Hora*, em 1963, também passou por processo atualização, revisão e edição, sendo publicado.

O trabalho com originais sempre é bastante difícil, e nesse caso mais ainda: o cotejo dos originais digitados pela equipe deveria ser efetuado agora com duas fontes: o original datiloscrito e a primeira versão publicada no jornal. Depois de observar-se que o original datiloscrito apresentava diferenças da publicação veiculada na imprensa, com alguns acréscimos, decidiu-se estabelecer como modelo o original datilografado pelo próprio Autor. Isso feito, passou-se ao estudo da novela, sem deixar, entretanto de apontar alguns pontos sobre o percurso intelectual e literário do romancista. Deve-se lembrar que Reynaldo Moura iniciou sua carreira de escritor como jornalista de periódicos porto-alegrenses (1923), tendo estreado na literatura, em 1935, com a novela *Ronda dos anjos sensuais*.

Reynaldo Moura sem deixar totalmente de lado a busca da verdade explícita que fundamentava a tradição realista, desenvolve a investigação implícita. As personagens passam a ter maior importância, caracterizam-se pela reflexão e, com isso, sua narrativa torna-se intimista, abrigando indivíduos problematizados, desesperados ou revoltados que se debatem num mundo ilógico, trágico, que os esmaga. As narrativas desse romancista são marcadas pela introspecção; a trama de suas novelas¹ é sustentada a partir de componentes psíquicos das personagens centrais, sendo que os eventos externos percebidos e um sentido social confundem-se com problemas do inconsciente, resultantes de traumas e de relações não concretizadas.

Apesar de suas novelas apresentarem uma trama de aparência simples e linear, é com extraordinária argúcia e vibratibilidade que Reynaldo Moura desce às sondagens psicológicas, pretendendo atingir o homem interior. As personagens, em meio a meandros da memória, deixam emergir as esperanças, decepções, ideais, lutas, vitórias e frustrações, enquanto percorrem um caminho na busca de valores que legitimem e justifiquem a existência humana no mundo. Desse modo, o que se observa na obra desse romancista são motivos recorrentes como a morte, a paixão, o desejo de escrever.

Major Cantalício – Vidinhas da Província, que apareceu em folhetim no jornal *Última Hora*, de Porto Alegre, no ano de 1963, não foge ao modelo reynaldeano. São quarenta e dois capítulos em que o narrador onisciente relata a história de Cantalício, desde sua juventude até sua notoriedade como escritor. A ação da personagem central emerge, então, de sua própria história, pois a recordação de tempos passados faz reviver sua infância, sua mocidade e todos os percalços que tivera para chegar a ser escritor. Por isso o narrador diz que

Claro que em menino foi como os outros. Depois, quando começou a ter consciência do mundo e já era um rapaz taludo, conheceu a dureza da vida. Certos episódios dessa época remota ficaram nítidos para sempre em sua memória. Mais que os quase recentes de seu tempo de funcionário público, que às vezes parecem recuar nessa luz da recordação deformadora, quando ele mergulha na sua própria intimidade.²

Funcionário público levava uma vida rotineira e quando se aposentou, passou a desenvolver sua

veia literária, desejando ver seus textos publicados e ser reconhecido na sociedade porto-alegrense como escritor:

Aposentado... Agora é que ele trabalha, todos os dias, no gabinete minúsculo, escrevendo coisas, tomando notas, compulsando velhos livros. Agora é que ele aproveita o tempo. Aposentado, mas ainda forte. Madrugador como sempre. E Major para o resto da vida. É o Major Cantalício. Ou apenas o Major. Assim todos o chamam. Esteve em Ibirapuitã. Tomou parte no combate de Ponche Verde. Conheceu de perto a gente de Honório Lemes. Churrasqueou em muita fazenda. E ele que, como rapazinho, abandonara a campanha sem ter tido consciência para guardá-la numa saudeira, ele que vivera todos esses anos sem sentir de perto a vida do interior, tendo com a mesma apenas o contato que lhe vinha de sua presença na milícia, para onde afluíam tipos de todos os setores do Rio Grande, ou de raras viagens a algum lugarejo em objeto de serviço, agora ele aproveitava para se reintegrar ao clima de suas preferências íntimas. Agauchou-se. Ele que já tinha a feição e os modos, agora também possuía o conhecimento (p. 25).

Para ele é indispensável transmitir ideias e sentimentos. Através de sua casmurrice, preocupa-se com a elaboração do seu texto literário e pretende fazer renascer figuras inesquecíveis da História em seus escritos. Por isso seu tempo é para escrever e, escrevendo, pretende algum dia alcançar a fama e ser convidado a ocupar uma cadeira na Academia Rio-Grandense de Letras.

As páginas de letra difícil, que Major continuou escrevendo sobre Castilhos, fizeram a sombra do morto caminhar pelo silêncio de seu mundo distante, na penumbra desse novo corredor da história que a mão um tanto rude do escritor vai traçando. (...) Castilhos, esse vulto egrégio das nossas lides políticas, personalidade de inconfundível relevo em ... (aqui Major vacila: tem desejo de escrever – como Astrogildo não iria gostar! – de escrever: inconfundível relevo em as nossas lutas partidárias. Ficaria como nos clássicos, ele pensa. Mas não tem certeza. E desiste.) Inconfundível relevo em nossas lutas partidárias, era... Major suspende a pena. Cerra as pálpebras. Puxa uma baforada do crioulo. Era... era o quê? Deseja traçar um retrato vivo do grande político e acodem-lhe palavras e frases que ouviu ou leu em oportunidades diversas sobre esse gênero de literatura: *seu personagem é vivo, está de corpo inteiro; há uma profunda palpitação de vida nessa figura traçada por mão de mestre...* Ah, escrever uma coisa assim sobre Castilhos! (p. 30-40)

O narrador aproxima a escrita de Cantalício da escrita de Reynaldo Moura, pois, como a de seu criador, ele se volta para o processo de elaboração do texto e

¹ Reynaldo Moura é autor das seguintes narrativas longas *A ronda dos anjos sensuais* (1935), *Noite de chuva em setembro* (1939), *Intervalo passionnal* (1944), *Um rosto noturno* (1946), *O poder da carne* (1954), *Romance no Rio Grande* (1958), *A estranha visita* (1962), *O crime no apartamento* (1991).

² MOURA, Reynaldo. *Major Cantalício* – Vidinhas de Província. Porto Alegre: IEL, 2001. p. 19. Todas as citações serão retiradas dessa edição, sendo indicadas apenas as páginas.

problematiza, no momento de sua realização e de sua compreensão, as relações entre linguagem e realidade. Cantalício desvela sua preocupação com o ato de escrever, revelando que a vida só significa por meio de palavras e é, por meio delas, que observa seu relacionamento com o mundo. Mostra que, como a vida, escrever é também uma incumbência trabalhosa.

Perfazendo uma caminhada difícil, participando dos grupos intelectuais que existiam à época em Porto Alegre, Cantalício é escolhido não para a Academia de Letras, como sonhava, mas para o Instituto Histórico e, apesar do luto pela morte da mulher, Dona Belinha, vive seu momento de glória, sendo considerado um “escritor de História.” Só por isso acha que valeu a pena desejar ansiosamente esse momento, lutando com as palavras. O narrador relata então a posse de Cantalício:

Era a presença coletiva do instituto. Reunida assim, ficava uma entidade à parte no trivial sempre o mesmo da existência. Entidade para o seio da qual Major agora se encaminhava e em cujo convívio passaria a existir. Em cada sessão, ele estaria presente e portador de uma contribuição pessoal no plano das pesquisas históricas, no mundo do pensamento superior. Subsídios para um grosso volume sobre o movimento de 23... Todos esses membros da entidade, que agora o esperavam para prestigiá-lo, já haviam lido seu livrinho, e nos próximos aplausos que envolveriam sua pessoa estaria presente e viva a recordação dessa leitura... Major ia entrando na sala solene. Seus olhos absorviam a paisagem humana aglutinada no recinto. (...) Ali deviam estar também membros das academias de letras da cidade. Cantalício olhava e pensava, flutuando de corpo e alma enquanto se encaminhava para a mesa: o momento era de culminância, esse, na sua vida segunda, a que ele continuava para o lado de cá da presença real da falecida. Estava agora entregue inteiramente ao espírito. Que outras coisas já não o atraíam, nem mesmo aquelas antigas aragens. E, nesse instante, nesses minutos antes da solenidade da posse, ladeado pela comissão que o introduzia na sala, estava sentindo que o momento representava um marco inapagável em seus últimos anos de vida. Na sua vida dedicada, enfim, às procelas silenciosas do espírito. Súbito reboaram palmas. A alma de Cantalício alçou-se num vôo comovido. Estava entrando em contato com a realidade de suas aspirações. Era o momento (p. 231-232).

“Era o momento” porque escrever para Major Cantalício foi resultado de muito trabalho. Ele percebe, na sua trajetória até ser escolhido para ocupar uma cadeira no Instituto Histórico, que não adiantava enfileirar palavras sonoras e bonitas se não houvesse conhecimento, se ele não sentisse de perto a vida interior, se ele não se voltasse para si mesmo e para o outro. Para criar a figura

histórica que pretende, recorre à solidão de seu gabinete onde rememora fatos anteriormente vivenciados, consulta velhos livros, toma notas e escreve, reintegrando-se, como diz o narrador “ao clima de suas preferências íntimas” (p....), e buscando entender a História, o homem, o mundo.

Revelando as esperanças, decepções, vitórias e frustrações de Cantalício enquanto caminha na busca de valores que legitimem e justifiquem sua existência no mundo, o narrador não deixa, no último capítulo do livro, de apontar as imagens confusas que misturam realidade e sonho na semilucidez da personagem. E a síntese final do percurso da personagem-escritor aponta para a perda, quando o mundo dá espaço à dor íntima que só ele, Cantalício, vê e sente. Apesar da “glória” alcançada e dos aplausos recebidos, ele sente a solidão e o bafejo da morte. O silêncio interrogativo da casa, o medo, a angústia das noites de insônia, os sonhos desconcertantes, a expectativa constante do surgimento do rosto de Dona Belinha na porta do quarto, ou na sala ou na cozinha, contribuem para acentuar a situação dramática dessa personagem.

Impõe-se dessa forma, ao final, a incapacidade de Cantalício de tornar coerente sua existência. Afastado dos acontecimentos, muitos dos quais esvaíram-se no tempo ou no espaço, mas ao mesmo tempo tão próximos dele, a personagem volta ao seu passado

E de repente estava se dilatando na sua memória aquela manhã perdida no tempo. Era como uma súbita ruptura do instante: a cuia na mão, a intenção de jogar fora a erva servida, o friozinho matinal cheiroso de arvoredo molhado, a respiração profunda com que acabara de sorver o espírito cotidiano de seu pequeno mundo. Ficou parado, sentindo, sentindo. Era aquela manhã distante, igual a tantas outras manhãs de sua vida, que agora se repetia, oblíqua lâmina fotográfica desprendida do tempo, resvalando pelos degraus da memória, misteriosa reencarnação da luz de outro momento: ele estava no antigo chalé. As notas agudas do clarinete revoaram no silêncio, entre os salgueiros espectrais. E a pedrada veio do invisível, bateu no telhado de sonho, rolou pelas telhas com um ruído que subia de uma acústica de túmulo (p. 243-244).

do qual desperta bruscamente, no final do livro, retornando sem querer retornar ao seu presente:

Major fechou os olhos, afogado no tempo. Mas a outra manhã já se dissipara. Ele estava de novo na limitada realidade deste mundo. Ia despejar a erva usada. Sorvia o cheiro do quintal molhado, agora com uma leve e desconhecida embriaguez. (...) E assim acaba a história de Cantalício, afastado de todos, vivendo sua vidinha de província (p. 244).

A leitura desse livro de Reynaldo Moura confirma afirmativa inicial de que é no indivíduo e não na sociedade que se centram as grandes questões dos romances desse escritor o qual se impõe como alguém que soube ler a vida com sensibilidade e construir personagens que nascem na obra e nela se concretizam, como é o caso de

Cantalício. Justamente esse aspecto é que o torna um dos mais importantes escritores intimistas da literatura sul-rio-grandense.

Recebido: 12 de janeiro de 2011
Aprovado: 30 de março de 2011
Contato: ritzelremedios@via-rs.net